

ENUNCIÇÃO: DIALOGIA E DIALÉTICA

NOGUEIRA, Luciana
Faculdade Santa Lúcia
lulunog@yahoo.com.br

RESUMO

*Este trabalho consiste em apresentar o conceito de enunciação, conforme Bakhtin (2004) e também apresenta a leitura de Ponzio (2008), filósofo italiano estudioso de Bakhtin, mais precisamente no que diz respeito às seguintes questões: a manipulação da palavra alheia (sobre as formas do discurso reproduzido) e diálogo e dialética. Interessa aqui trabalhar o conceito de dialogia na relação com o conceito de dialética. A leitura que é feita de Bakhtin (2004) centraliza-se mais especificamente na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.*

PALAVRAS-CHAVE: *enunciação; dialogia; dialética; palavra; signo.*

INTRODUÇÃO

[...]
Dialética,
não aprendemos com Hegel.
Invadiu-nos os versos
ao fragor das batalhas,
quando,
sob o nosso projétil,
debandava o burguês
que antes nos debandara.
[...] (MAIAKÓVSKI, 1930, *apud* SCHNAIDERMAN,
2006, p. 135).

A enunciação pode ser compreendida a partir de vários pontos de vista. Pode ser de um posto de vista mais formal, no qual há uma preocupação que centra-se mais na estrutura da língua, mas também pode ser com-

preendida a partir de uma perspectiva que considere mais a história ou ainda, como é o caso deste trabalho, uma perspectiva que leva em conta o social. Nesse sentido é que se apresenta aqui uma leitura e discussão do conceito de enunciação em Bakhtin (2004), que a concebe como um processo de interação que é determinado sócio-historicamente. O fato de a enunciação ser compreendida como interação é que leva a discussão do conceito de dialogia, no sentido de que a linguagem é constitutivamente dialógica. Tal conceito é objeto de discussão do presente trabalho, em relação ao conceito de dialética. Pretende-se aqui pensar, brevemente, nas proximidades ou possíveis diferenças que pode haver entre esses conceitos, tendo como base os autores indicados.

2. ENUNCIÇÃO

A enunciação é considerada pela filosofia marxista da linguagem como realidade da língua e como estrutura sócio-ideológica. A língua é, nesse sentido, expressão das relações e lutas sociais e serve ao mesmo tempo de instrumento e de material dessas relações e lutas sociais. O que interessa para Bakhtin (2004) é justamente a fala, a enunciação. Essas são de natureza social e não individual. Assim, a crítica que é colocada pelo autor é em relação ao objetivismo abstrato, aos excessos de um estruturalismo que nascia e que considerava a língua a partir do sistema de oposição língua/fala e sincronia/diacronia, como se pode ver em Saussure (2000). Nesse sentido, Bakhtin não concebe a língua como um sistema sincrônico homogêneo¹, o qual rejeita as manifestações individuais da língua (a fala). O autor trata justamente disso, do que é deixado de lado no corte saussuriano, ou seja, Bakhtin valoriza a fala, a enunciação e assim afirma a natureza social e não individual da fala, da enunciação. Saussure (2000) faz a separação entre língua e fala e afirma que, ao fazer isso, faz-se ao mesmo tempo a separação entre o que é social do que é individual, entre o que é essencial e o que é acessório. Segundo o autor:

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente

¹ Segundo Saussure (2000, p. 23) “Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas”.

para a atividade de classificação, [...]. A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações (SAUSSURE, 2000, p. 22).

Em Marxismo e Filosofia da Linguagem, ao fazer sua crítica ao objetivismo abstrato e subjetivismo individualista, é que Bakhtin afirma que a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um signo ideológico ou vivencial. Para Bakhtin (2004) o problema fundamental da semântica consiste em conciliar a polissemia da palavra com sua unicidade, problema que, de acordo com a opinião do mesmo autor, só pode ser resolvido pela dialética. Sendo assim, o sentido é produzido no contexto de um processo ideológico, pelos sujeitos respondentes. A realidade concreta da linguagem, para o autor, não considera que um locutor pronuncie ou escute palavras, mas sim verdades ou mentiras, coisas boas ou más, etc. Assim, os sujeitos compreendem as palavras e somente reagem àquelas que despertam nos sujeitos ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. É nesse sentido que ele afirma que a enunciação é sempre construída como resposta, produzindo sentidos no contexto de um processo ideológico de acordo com o autor. Isso caracteriza a forma constitutiva da enunciação. Assim, só se compreende uma enunciação quando os sujeitos estão no mesmo domínio ideológico. A relação que se estabelece é de enunciações completas de um lado e de outro, mas no mesmo domínio ideológico. Pode-se pensar, por exemplo, que a “língua”² da classe proletária da França é compreendida pela “língua” da classe proletária da Rússia. Os sujeitos apresentam a compreensão da língua proletária em diferentes países *versus* a língua da burguesia, a qual, neste caso, está em outro domínio ideológico, pois utilizam outra modalidade da “língua” (grifos nossos).

Para a teoria bakhtiniana, a enunciação é de natureza social e nunca será explicada a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. Assim, o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão não é interior, mas exterior, “[...] está situado no meio social que envolve o indivíduo. Só um grito inarticulado de um animal pode ser interior, do aparelho fisiológico do indivíduo isolado” (BAKHTIN, 2004, p.121). Essa é uma reação que não é ideologicamente marcada. Desde o homem mais

² Aqui utiliza-se a língua como discurso, num sentido amplo.

primitivo a enunciação é, do ponto de vista do seu conteúdo, da significação, organizada fora do indivíduo, seja pela situação mais imediata ou pelo contexto mais amplo possível do meio social que constitui uma determinada comunidade linguística. A enunciação é produto da interação social.

Bakhtin (2004) dizia que o que faltava para a linguística contemporânea era uma abordagem da enunciação em si e não simplesmente que se trabalhasse a segmentação em constituintes imediatos. Para ele, as unidades reais da cadeia verbal são as enunciações. No entanto, para o estudo das formas dessas unidades, é preciso que não as separe do curso histórico das enunciações.

Enquanto um todo, a enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extra verbal (isto é, as outras enunciações) (BAKHTIN, 2004, p. 125).

O limite de cada enunciação é sempre o discurso do outro. Nesse sentido, uma análise que considere o conjunto das enunciações como unidades reais na cadeia verbal só se torna possível caso se admita uma perspectiva que encare a enunciação individual como um fenômeno puramente sociológico, segundo Bakhtin (2004). Uma filosofia marxista da linguagem deve então ter como base de sua teoria a enunciação como realidade da linguagem e como estrutura sócio-ideológica (*ibidem*, 126). Nessa perspectiva, a língua se constitui como um processo de evolução ininterrupto, o qual é realizado por meio da interação verbal social dos locutores, como nos ensina o autor. As leis da evolução linguística são leis essencialmente sociológicas para ele. A própria estrutura da enunciação é puramente social e a enunciação só se torna efetiva entre falantes (*ibidem*, 127).

A concepção de enunciação como interação é determinada sócio-historicamente – no momento de atualização do enunciado – e seu significado está relacionado à história através do ato único de sua realização.

3. TEMA E SIGNIFICAÇÃO

A enunciação é assim pensada a partir de uma distinção entre tema e significação. Por tema³ pode-se entender o sentido da enunciação completa.

³ Tema é tratado por Bakhtin (2004) num sentido de unidade temática e não como o tema de uma obra de arte, por exemplo.

O tema é concreto, como o instante histórico a que a enunciação pertence. A significação são os elementos abstratos que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos. É o aparato técnico para a realização do tema. Vale ver o seguinte exemplo: “Que horas são?” (BAKHTIN, 2004, p.128).

Esse enunciado, pronunciado em momentos históricos diferentes terá sempre a mesma significação, mas o tema será sempre outro. Porém, não há tema sem significação e vice-versa. O tema se apoia numa certa estabilidade da significação para que tenha sentido, caso contrário ele perde o elo com o que precede e o que segue. Para a compreensão do tema é preciso considerar os elementos não-verbais da situação, além das formas linguísticas que entram na composição, como as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações. Se isso não acontece não se tem uma boa compreensão da enunciação. Nas palavras de Bakhtin (2004) é como se perdessem suas palavras mais importantes. A enunciação, somente tomada em sua amplitude concreta, ou seja, o instante histórico em que ela é produzida possui um tema. A fronteira entre tema e significação é complexa. De acordo com Bakhtin (2004):

A maneira mais correta de formular a inter-relação do tema e da significação é a seguinte: o tema constitui *o estágio superior real da capacidade linguística de significar*. De fato, apenas o tema significa de maneira determinada. A significação é *o estágio inferior da capacidade de significar*. A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um *potencial*, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto (*ibidem*, 131).

Só uma compreensão ativa é que pode permitir a apreensão do tema. Compreender é então opor à palavra do locutor uma *contrapalavra* (grifo nosso). É o próprio diálogo. E a significação, nessa perspectiva “é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro” (*ibidem*, 132).

Essa preocupação do autor em pensar a enunciação em sua amplitude concreta, ou seja, a enunciação completa, é que se coloca numa perspectiva completamente outra quando se pensa numa abordagem estruturalista da linguagem (a que faz a distinção língua/fala, sincronia/diacronia). O que interessa aqui é pensar numa semântica que leve em conta os elementos que são deixados de lado numa abordagem mais formal, mais estrutural. Desse modo, é relevante pensar nas relações de linguagem numa relação necessária com o real histórico. A língua não é, nessa perspectiva, pura estrutura, código, ou instrumento para a comunicação. Ela se dá na

relação com o sujeito e com a história.

Outra questão importante para a enunciação sócio-interacionista é o acento apreciativo, o horizonte apreciativo, pois sem ele não há palavra. Para a compreensão disso é preciso falar da força da entoação expressiva, a qual geralmente é determinada pela situação imediata e circunstâncias efêmeras. Bakhtin (2004) inclusive apresenta um exemplo interessante retirado de Dostoievski (1906) sobre um diálogo familiar entre seis operários que, na situação enunciativa em questão, pronunciam a mesma palavra, mas para cada um deles a “mesma” palavra demonstra um tema diferente (grifo nosso). Esses diferentes sentidos só são possíveis porque há o acento apreciativo. Bakhtin, ao tratar do acento apreciativo e da relação que pode haver com a face objetiva da significação, afirma:

O nível mais óbvio, que é ao mesmo tempo o mais superficial da apreciação social contida na palavra, é transmitido através da *entoação expressiva*. Na maioria dos casos, a entoação é determinada pela situação imediata e frequentemente por suas circunstâncias mais efêmeras (BAKHTIN, 2004, p. 132).

Desse modo, uma vez que se pense na palavra “paz”, por exemplo, enunciada pelo ex-presidente dos EUA, Bush, suscitará certamente um sentido diferente se enunciada por algum ativista do oriente médio (grifo nosso).

O alargamento do horizonte apreciativo, determinado em última instância pela expansão da infra-estrutura econômica, efetua-se de maneira dialética. Assim, os novos aspectos que são integrados no social não convivem pacificamente com os que os antecedem, mas entram em luta com eles e se fazem mudar de lugar no interior da unidade do horizonte apreciativo. Bakhtin (2004) afirma que essa evolução dialética reflete-se na evolução semântica. Nada pode permanecer estável no processo em que a sociedade se alarga para integrar o ser em transformação. Nessa perspectiva do materialismo dialético a significação sempre terá uma estabilidade e identidade igualmente provisórias, porque a verdade de algo é sempre provisória na lógica dialética. De acordo com Novack (2005, p. 62):

A dialética se baseia num ponto de vista completamente diferente e tem uma visão distinta da realidade e suas formas variantes. É a lógica do movimento, da evolução, da mudança. A realidade está demasiadamente cheia de contradições, demasiadamente fugidia, por demais mutável para

amarrá-la numa fórmula ou conjunto de fórmulas. [...] toda realidade está em contínua mudança, descobrindo novos aspectos de si mesma [...].

4. AUGUSTO PONZIO E A REVOLUÇÃO BAKHTINIANA

Ponzio (2008) assume os conceitos de Bakhtin de dialogia, polifonia, alteridade, compreensão respondente⁴ e os trabalha como conceitos filosóficos. Ele fala do humanismo da alteridade. Vem do pensamento de Bakhtin a relação entre vida e literatura, e, portanto, o nexa que existe entre valor artístico e valor ético, segundo Ponzio (2008). A proposta filosófica é baseada na categoria do *outro* e não só do *eu* (grifos nossos). Trata-se da dialogia da alteridade.

Nas palavras de Ponzio (2008) os sujeitos emprestam as palavras da boca, do texto dos outros que se precedem no mundo, portanto não pertencem só a um único sujeito, mas são palavras emprestadas que contêm valores éticos e estéticos. Assim, podem-se introduzir nelas os valores diversos que se enfrentam e se chocam com os anteriores já sentidos, constituindo assim o caráter interiormente polêmico da palavra. Tratando disso, Ponzio (2008) recorre à literatura, assim como Bakhtin (2004), para mostrar o caráter polifônico e dialógico das palavras.

A linguagem é constitutivamente dialógica. A relação entre a palavra própria e a palavra alheia é regulada pelas normas linguísticas que existem em cada língua. A revolução bakhtiniana da qual fala o autor afirma que a teoria bakhtiniana muda o ponto de referência da fenomenologia⁵, porque a coloca no horizonte do *outro*, e não do *eu* (grifos nossos). Diante disso, há uma mudança na visão de mundo da cultura ocidental - baseada na identidade, no sentido de identificação. E isso é tão forte que, como afirma o autor, as reivindicações sempre se baseiam na identificação, no sentido de ter os mesmos direitos dos que mandam, idênticas oportunidades, idêntica vida, idêntica felicidade de quem tem o poder (PON-

⁴ Sobre estes conceitos de Bakhtin vale ver as seguintes obras: *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (conforme citado na bibliografia deste trabalho), *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária 4ª edição (2008) e *A Cultura Popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Editora Hucitec/Annablume, 2002.

⁵ Uma breve definição do conceito de fenomenologia pode ser encontrada no Dicionário Básico de Filosofia. A definição é: "Corrente filosófica fundada por E. Husserl, visando estabelecer um método de fundamentação da ciência e de constituição da filosofia como ciência rigorosa. O projeto fenomenológico se define como uma 'volta às coisas mesmas', isto é, aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência, que se dá como seu objeto intencional." (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 105).

ZIO, 2008). Segundo o mesmo autor, Bakhtin se baseia na categoria da alteridade para subverter a ideologia da identidade. Essa mudança de ponto de vista afeta também a visão de mundo dominante da cultura ocidental.

Uma distinção importante que se deve fazer é entre diálogo e dialogia – o diálogo pode ser a forma disfarçada da monologia na ideologia dominante a serviço da reprodução da identidade e de sua razão. O diálogo formal, falso como afirma o autor, é o lugar onde se encontram e se chocam as reivindicações homologadas que mais servem para legitimar uma diferença. Diante disso ele afirma que a revolução bakhtiniana consiste em voltar a propor, como condição de possibilidade concreta objetiva, material, histórico-social e não abstrata, utópica, a dialogia de uma diferença que, por sua constituição, está impossibilitada a ser indiferente diante do outro (PONZIO, 2008, p. 13). O conceito de identidade é todo rediscutido nesse trabalho de Ponzio (2008) a partir de Bakhtin, opondo à identidade a alteridade.

5. SOBRE A MANIPULAÇÃO DA PALAVRA ALHEIA (SOBRE AS FORMAS DO DISCURSO REPRODUZIDO)

Na perspectiva ponziana/bakhtiniana todo discurso é um discurso reproduzido, sempre recorre ao discurso alheio. Toda palavra tem, portanto, um caráter semi-alheio.

A apropriação lingüística é um processo que vai desde a mera repetição da palavra alheia à sua reelaboração, capaz de fazê-la ressoar de forma diferente, de conceder-lhe uma nova perspectiva, de fazer-lhe expressar um ponto de vista diferente. Porém, permanece semi-alheia, em qualquer caso. A propriedade sobre a palavra não é exclusiva e total (PONZIO, 2008, p. 101).

Essa questão da manipulação da palavra alheia é de caráter constitutivo da enunciação dialógica, faz parte do funcionamento da linguagem na perspectiva bakhtiniana. Na **Figura 1** pode-se ver a questão de maneira tragicômica. Vale pensar, por exemplo, nas manifestações da juventude que tomaram conta da França em 2005⁶.

⁶ A referência que se faz aqui das lutas da juventude francesa em 2005 é com relação às manifestações sobre a Lei do Primeiro Emprego que, resumidamente, tratava-se de uma nova forma de contratação para jovens até 26 anos. A lei propunha um período de experiência de dois anos e neste período os empregadores poderiam cancelar o contrato sem oferecer explicações ou conceder aviso prévio.



Fonte: PSTU (2007)

Figura 1 – Charge Bandeira da França (s.d.)

Nessa charge o lema Liberdade, Igualdade, Fraternidade vira Pobreza, Desemprego e Discriminação. É preciso entender que manipulação aqui não apresenta um sentido negativo. Todo discurso é manipulação do discurso alheio porque o pressupõe necessariamente. Assim, as palavras que são usadas pelos sujeitos vêm do discurso alheio e não são palavras isoladas. Elas partem de enunciações completas, de textos e não têm nada de neutralidade, mas são sim cheias de valores. As palavras, nesse sentido, expressam um projeto concreto, um determinado nexos com a práxis. “Além disso, não provêm da língua, entendida de forma abstrata, mas de determinadas linguagens, registros, de determinados gêneros de discurso, ‘cotidiano’, ‘literário’, ‘científico’ etc.” (*ibidem*, 101-102).

A palavra que se expressa de forma concreta é enunciação e ela não é nunca unidirecional: enquanto expressa seu próprio objeto, expressa direta ou indiretamente sua própria posição até a palavra alheia. Mas isso não pressupõe uma relação de inércia porque o que há é uma palavra viva que reage à própria manipulação constantemente. Na enunciação, a relação com a palavra alheia nunca assumirá um funcionamento dual: eu/outro. Existem pelo menos outros dois com quem nos relacionamos ao falar: a pessoa da qual tomo as palavras e a pessoa a quem me dirijo, conformando, portanto uma relação triangular (*ibidem*, 103).

O sujeito, o autor, fala com a palavra alheia se distanciando ou se aproximando e pode introduzir uma intenção completamente oposta à intenção alheia e esse processo vai depender também do diálogo interior dentro de uma mesma enunciação, a polêmica, etc. Essa é a relação triangular que se estabelece continuamente. De acordo com Ponzio (2008) a dialética entre a própria palavra e a palavra alheia se manifesta de forma direta nos casos em que a primeira assume explicitamente a função de reproduzir a segunda, assumindo a forma do discurso direto, indireto, indireto livre (ou semi-direto) e de suas variantes (*ibidem*, 103). Retomando Marxismo e Filosofia da Linguagem, ele diz que o tema é precisamente esta dialética. Assim:

A situação que aqui se apresenta consiste nos discursos que se orientam à palavra alheia como qualquer outro discurso, porém um está dentro do outro, um é tema do outro. O contexto do discurso é outro discurso, é o que o reproduz (*ibidem*, 103-104).

É preciso ressaltar, no entanto, que as formas de representação do discurso alheio não são resultados de eleições subjetivamente abstratas, mas dependem dos instrumentos que uma língua determinada põe a disposição para poder representar a palavra alheia. Fala-se aqui das regras sintáticas, dos gêneros literários que implicam diferentes atitudes diante da palavra alheia.

6. SOBRE DIÁLOGO E DIALÉTICA

O que caracteriza a obra de Bakhtin no seu todo é sempre o “eterno recomeço” e que, segundo apresenta Ponzio (2008), é tratado como repetição para Todorov em seu trabalho sobre Bakhtin⁷ (grifo nosso). O autor afirma que essa falta de desenvolvimento não é a dogmática reiteração das mesmas idéias e sim a mesma coisa que Bakhtin diz da novela de Dostoiévski (BAKHTIN, 1997 *apud* PONZIO, 2008, p. 186). Assim:

⁷ “A obra de Bakhtin, segundo Todorov, não tem um *desenvolvimento* num sentido estrito: mudam-se os centros de interesse e as formulações, mas, ainda que haja algum devio e alguma mudança, o discurso bakhtiniano volta continuamente sobre si mesmo” (PONZIO, 2008, p. 185). A obra de Todorov é *M. Bajtín: le principe dialogique, 1981*.

[...] ‘o espírito do autor não se desenvolve, não ocorre’, ‘não existe uma dialética de um só espírito’ que siga relações de tese, antítese e síntese. Não se encaminha até uma única e definitiva conclusão na que todas as partes da obra tenham que ser funcionais” (*ibidem*, 186).

E isso é assim porque para o pensamento dialético toda verdade é provisória. Diante disso, Ponzio (2008) faz uma crítica à dialética hegeliana porque ela direciona para uma visão unilateral, endurecida, ossificada. Nas palavras dele é uma pseudo-dialética. O signo⁸ é trabalhado por Bakhtin, em toda sua obra, como completo e não como elemento individual significante. Assim, o signo não é uma coisa, mas um processo, um cruzamento de relações. Não há como delimitar exatamente um signo. O sentido de um signo é determinado concretamente pela interação social, pelo contexto comunicativo concreto, pela perspectiva ideológica. A interpretação de um signo requer uma compreensão ativa pelo fato de que requer uma resposta, uma tomada de posição, nasce de uma relação dialógica: vive como resposta a um diálogo (*ibidem*, 187).

De acordo com Miotello (2005), lingüista que também trabalha a partir da perspectiva bakhtiniana, os objetos materiais do mundo recebem uma função no conjunto da vida social, advindos de um grupo organizado no decorrer de suas relações sociais, e passam a significar além de suas próprias particularidades materiais. Este é o significado de signo em Bakhtin, formulado por Miotello (2005). Assim:

Vozes diversas ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológico-sociais entre o passado e o presente, entre as várias épocas do passado, entre vários grupos do presente, entre os futuros possíveis e contraditórios (MIOTELLO, 2005, p. 172).

Como exemplo, vê-se a França ainda nos protestos da juventude francesa em 2005 pela Lei do Contrato do Primeiro Emprego. A representação da divisão na sociedade francesa pode ser vista na **Figura 2**.

⁸ Como signo é um conceito que é introduzido por Saussure, vale lembrar aqui qual é a definição que esse autor dá para o conceito. Saussure (2000) define signo lingüístico como a união entre um conceito e uma imagem acústica, não é entre uma coisa e uma palavra. O signo é, neste sentido, uma entidade psíquica de duas faces, é a combinação do conceito e da imagem acústica.



Fonte: PSTU (2007)

Figura 2 – Bandeira da França 2 (s.d.)

O signo “bandeira da França” está sendo re-significado por uma divisão de classe social na França (grifo nosso). Note-se que há um rompimento da parte vermelha da bandeira. A bandeira francesa (também conhecida como a tricolor ou *bleu, blanc, rouge*), tricolor em três faixas verticais (azul, branca e vermelha), simboliza a Revolução Francesa (1789) sendo que o azul representa o poder legislativo, o branco o poder executivo e o vermelho o povo, os três dividindo igualmente o poder. Dessa forma, o signo “bandeira da França” se re-significa contraditoriamente ao que ele designa em princípio (grifo nosso). São as diferentes vozes coexistindo num mesmo signo. O signo, a palavra está sempre à disposição de novos sentidos. A palavra é, como nos ensina Bakhtin (2004), a arena da luta de classes.

O signo sempre será uma enunciação completa que não se pode isolar do contexto social, ideológico e do gênero do discurso a que pertence. A enunciação é parte de uma relação social e histórica concreta. A perspectiva adotada aqui é de que o texto é vivo e não é uma expressão monológica isolada. De acordo com Bakhtin, não se faz a interpretação das unidades isoladas, das frases porque não se concebe a língua como sistema:

O texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo que o texto participe de diálogo. Salientemos que se trata do contato dialógico entre os textos (entre os enunciados), e não do contato mecâ-

nico “opositivo”, possível apenas dentro das fronteiras de um texto (e não entre texto e contextos), entre os elementos abstratos desse texto (os *signos* dentro do texto), e que é indispensável somente para uma primeira etapa da compreensão (compreensão da significação e não do sentido). Por trás desse contato, há o contato de indivíduos e não de coisas (BAKHTIN (2003) *apud* PONZIO, 2008, p. 187).

O texto não é uma coisa, mas é uma voz, ou melhor, várias vozes. Com isso, pode-se afirmar que, de um modo geral, para Bakhtin, os textos (orais, escritos, verbais, não verbais) assumem uma compreensão ativa, dialógica e esse é o principal elemento do método bakhtiniano com relação ao texto. Trata-se de uma dialética intertextual. O sentido do texto se decide na lógica da pergunta e da resposta, mas elas não são consideradas aqui categorias abstratas. São momentos dialógicos concretos que pressupõem “encontrar-se reciprocamente fora”, pressupõem “cronotopos”⁹ diferentes para quem pergunta e para quem responde. O “encontrar-se reciprocamente fora”, a extraposição é, para Bakhtin, conforme afirma Ponzio (2008), fundamental na compreensão ativa (grifos do autor).

Nesse sentido Brait (2005) afirma que o dialogismo é o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem.

Por um lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos. E aí, dialógico e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem (BRAIT, 2005, p. 95).

É precisamente essa relação que interessa ser analisada: dialogia e dialética. Mas antes, é preciso entender que assumir que há a relação dialógica como essencial na constituição dos seres humanos não quer dizer que temos que imaginá-la sempre harmoniosa, consensual e desprovida de conflitos (GERALDI, 2003).

⁹ Definido por Bakhtin como a conexão essencial das relações temporais e espaciais assimiladas artisticamente na literatura, ou seja, o cronotopos em literatura é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a “ *fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto*”. (cf. AMORIM, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se trata de dialética, de uma dialogia, é preciso colocar-se em um campo contrário ao da lógica formal que se conhece, ainda que sejam utilizados alguns de seus pressupostos no modo de pensar, no cotidiano dos sujeitos e mesmo na ciência. Mas quando se questiona sobre a existência de uma lógica possível (entendida aqui, de modo geral, como a compreensão do modo de pensar), considera-se que há um funcionamento no mundo que segue alguma lógica e essa lógica é a lógica dialética, do materialismo dialético. A partir da leitura de Bakhtin que é feita aqui, é possível afirmar a esse respeito, considerando especificamente a linguagem, ou mesmo o processo de formação do discurso, que essa “lógica” é a dialogia (grifo nosso). Evidentemente não existe um “livro de receitas” como diz Novack (2005, grifo nosso), sobre a dialética, mas existem umas idéias fundamentais que podem ser colocadas de forma que o método possa ser compreendido e usado para a solução de problemas concretos.

Não há uma fórmula para isso, mas podemos falar em três leis básicas da dialética materialista: a) Lei do movimento permanente; b) Lei da interação permanente e c). Lei da transformação permanente. Nesse sentido, é possível entender que é nesse ínterim conceitual que vem o conceito de dialogia do círculo de Bakhtin. E, se há diferença conceitual entre dialética e dialogia, é possível entender que essa diferença reside no fato de haver, para Bakhtin, sempre o caráter polifônico e não haver uma síntese na dialogia. Pelo que se pode entender da dialética materialista, tudo muda pela superação das contradições internas. Estas mudanças se acumulam até um ponto no qual a velha estrutura é quebrada e abre-se a possibilidade de uma nova estrutura se consolidar sobre os escombros da antiga, ou seja, a velha estrutura perde espaço para uma nova que demonstra força superior (NOVACK, 2005).

Desse modo, a dialogia pode ser entendida como uma forma específica do materialismo dialético para a compreensão da linguagem, da enunciação, da produção de sentidos na linguagem e, ainda, como em todos os aspectos da vida humana, a linguagem é também atravessada pela luta de classes. A relação dialógica não significa uma relação de igualdade sem conflitos. Não há como desconsiderar as relações de forças e, nesse sentido:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as

gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos (MARX, 1974, p. 335).

O fato é que a relação entre a história e os homens (os sujeitos) é marcada pelas contrapalavras que vão tecendo seu curso da história e sendo tecidas por ela. Eis a contradição. Eis a luta de classes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, M.. Cronotopo e exotopia. *In*: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2007. p. 95-114.

BAKHTIN, M.. **Observações sobre a epistemologia das ciências humanas**. Em *Estética da criação verbal*, São Paulo, Martins Fontes, 2003, PP 404-5 *apud* PONZIO, A.. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo, Editora Contexto, 2008, p. 187.

BAKHTIN, M.. (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BAKHTIN, M.. **Problemas da poética de Dostoiévski**, *op. cit.*, trad. it., Dostoiévski, 1997, p. 38 *apud* PONZIO, A.. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo, Editora Contexto, 2008, p. 186.

BANDEIRA da França 2. Disponível em: <<http://www.pstu.ogr.br>. Acesso em outubro de 2007.

BRAIT, B.. Bakhtin e a Natureza Constitutivamente Dialógica da Linguagem. *In*: BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. Ver – Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2005, p. 87-98.

CHARGE da Bandeira da França. Disponível em: <http://www.pstu.ogr.br>. Acesso em outubro de 2007.

DOSTOIEVSKI, F. M.. *Pólnoie sobránie sotchinénii F. M. Dostoievskovo* (Obras Completas de F. M. Dostoiévski). 1906, tomo 9, p. 274-275, *apud* BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 2004, p. 133.

GERALDI, J. W.. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. *In*: GERALDI, J. W. (Org.). **Ciências Humanas e Pesquisa** - Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003, v. 1. p. 39-56.

JAPAISSÚ, H.; MARCONDES, D.. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4ª edição

revista e ampliada. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006.

MARX, K.. O 18 Brumário de Luis Bonaparte. *In*: GIANNOTTI, J. A. (Org.) **Os Pensadores**. São Paulo: Editora Abril Cultural. Tradução revista por: Leandro Konder, 1974, p. 329-410.

MIOTELLO, V.. Ideologia. *In*: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin** – Conceitos-Chave, 1º Vol. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 167-176.

NOVACK, G. **Introdução à lógica marxista**. Traduzido por Anderson R. Félix. São Paulo: Editora José Luis e Rosa Sundermann, 2005.

PONZIO, A.. **A revolução bakhtiniana** – o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. São Paulo, Editora Contexto, 2008.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo, Editora Cultrix, 2000.

SCHNAIDERMAN, B. *et al.* **Maiakóvski** – Poemas. São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 7ª edição, 2006.